

Discursos ciceronianos: a oratória como estratégia política na Roma Antiga

MARINALVA VILAR DE LIMA
MICHELLY PEREIRA DE SOUSA CORDÃO
Universidade Federal de Campina Grande
Brasil

RESUMO. O ensaio discute a personagem de Cícero a partir do auto-retrato por ele elaborado e das representações biográficas que lhe construíram autores de sua época e da contemporaneidade. Problematisa a escritura ciceroniana, destacando as relações que constrói entre a retórica e o exercício político. Intenciona contribuir para a construção da imagem de Cícero enquanto sujeito histórico, ainda que toque em aspectos estéticos de sua produção discursiva.

PALAVRAS-CHAVE. Literatura latina; história de Roma; Cícero; política; retórica.

No universo dos escritores latinos do século I a. C., tais como Tito Lívio, Virgílio, Propércio, Horácio e Cícero, é possível perceber uma ênfase na temática do político ou de suas ligações pessoais para com a cena política que os rodeia. A escritura ciceroniana assume, no entanto, destaque, haja vista que é constituída por um conjunto considerável de obras que toma a política como *tópos* central e, mesmo naquelas em que se propõe a tratar de questões jurídicas e filosóficas, mantém as preocupações políticas como norteadoras de seus discursos.

Com efeito, desde obras como *Do sumo bem e do sumo mal*, em que Cícero discute questões concernentes à vida humana a partir de uma perspectiva filosófica, ao conjunto de seus discursos em que ora acusa ora defende figuras públicas, a temática da política aparece como eixo de compreensão de mundo do orador. Cícero, na referida obra, faz comentários sobre a honestidade enquanto a maior das virtudes para mostrar como um homem público deveria agir em benefício da República, e é provável que enderece sua obra para um grupo específico e limitado de leitores: os homens públicos. Nesse sentido, percebemos que a discussão que traça sobre o *sumo bem* se dá a partir de um objetivo pragmático que se associa ao universo da política. Aspecto, na maioria das vezes, diluído no âm-

bito das análises, visto focarem mais na questão do estilo, perscrutando os recursos retóricos e a beleza com que Cícero constrói seus discursos.

SEBASTIÃO TAVARES PINHO,¹ ao traduzir *As Catilinárias* para o português, comenta a título de introdução aos discursos veiculados na obra que se deve dar mais atenção à beleza literária que perpassa a obra e menos atenção às informações nela contidas. Sem dúvida, para que se estabeleça uma análise profícua da obra de Cícero, há que se considerar a forma como ele articula sua “fala” e quais os interesses que a norteiam. Reduzir, porém, as catilinárias a discursos tonificados por aspecto literário nos impossibilitaria de perceber questões concernentes ao mundo da política romana, passíveis de serem visualizadas a partir de sua leitura e análise.

Visão semelhante à de Pinho aparece em estudo promovido por ROBSON TADEU CESILA² em que analisa os dispositivos e elementos retóricos do *Pro Archia* à luz das compreensões de retórica construídas por Cícero e Aristóteles. Cesila promove um saudável exercício de decupagem do gênero discursivo que caracteriza a escritura ciceroniana. Apresenta e discute cada parte que constitui o discurso, a saber, o exórdio, a narração, a divisão, a confirmação / refutação e a conclusão. Exercício válido mas, limitando-se ao esteticismo do discurso, vem a perder de vista a dimensão política que perpassa todos os discursos do orador, tratando-os como “ingênuos” textos providos de beleza literária e, portanto, desprovidos de intencionalidades. Ora, o próprio ato do pronunciamento do discurso constitui *a priori* um gesto que prenuncia interesses políticos, visto que o aparecimento em público representava na Roma antiga uma das estratégias para ascensão política.

Em *Da República*, Cícero deixa claro sua compreensão acerca da relação entre conhecimento e ação política, criticando aqueles que, ao invés de buscar explicações para questões do mundo político, como a situação desarmônica entre o povo e o senado que então vivenciava, se inquietavam em saber assuntos relativos ao universo. Daí, porque sua crítica a Platão, filósofo que construiu uma República localizada no “mundo das idéias”. Em *Da República* Cícero se refere à virtude como *tópos* obrigatório para o governo saudável da República, associando este aspecto da moral romana à esfera cívica (*Rep.* 1.2):

etsi ars quidem cum ea non utare scientia tamen ipsa teneri potest, virtus in usu sui tota posita est; usus autem eius est maximus civitatis

¹ Cícero - *As Catilinárias*, Lisboa, Verbo, 1974.

² *Análise do discurso Pro Archia de Cícero*, Campinas, IEL-UNICAMP, 2004.

gubernatio, et earum ipsarum rerum quas isti in angulis personant, reapse non oratione perfectio.

Uma arte qualquer, pelo menos, mesmo quando não se pratique, pode ser considerada como ciência; mas a virtude afirma-se por completo na prática, e seu melhor uso consiste em governar a República e converter em obras as palavras que se ouvem nas escolas.³

Dentro dessa compreensão, Cícero aponta ainda que a oratória constitui um conhecimento essencial ao homem público, devendo, por isso, ser exercitada em benefício da República.

Com tais preocupações, Cícero escreveu e pronunciou um conjunto de discursos, dos quais se tem acesso contemporaneamente a um considerável número. Do *corpus* ciceroniano, consideramos que os discursos *In Catilinam*, *Contra Catilina*) constituem um território profícuo para a discussão sobre a relação entre oratória e política. Se, de um lado podemos observar Cícero como orador que ascendeu politicamente por meio do uso da oratória, de outro podemos visualizar em seus discursos os recursos retóricos utilizados para conquistar o público a quem o endereça. Mais do que isso, percebe-se como o orador argumenta em proveito de seus anseios particulares, ainda que construa um discurso em que a defesa da *res publica* sirva de argumento justificador. É o debate sobre a relação entre oratória e política e, portanto, sobre o uso da palavra como forma de poder em Roma, que enfeixa nossa argumentação sobre a obra de Cícero. Trata-se de um exercício que toma as práticas e representações no âmbito da política como possibilidades assinaladoras para o homem romano.

JEAN-JACQUES COURTINE,⁴ ao fazer um estudo sobre a ascensão dos discursos midiáticos, em detrimento dos discursos pronunciados em comícios pelos oradores políticos, percebe que tal mudança teria ocorrido na França na década de 1970, demonstrando como os discursos políticos na atualidade perderam a dimensão que os caracterizavam no mundo antigo. Situação que, hipoteticamente, explica a atual “cultura do espetáculo”, sistematizada pela televisão, veículo midiático através do qual o político pode construir sua imagem apelando para a atenção do público, e não mais por meio de sua habilidade na arte de falar, mas a partir da veiculação de sua imagem. Da política do texto, conforme Courtine, as investidas são transferidas para a política de imagens possibilitada pela televisão. O orador político passa a ser mais visto do que

³ Trad. AMADOR CISNEIROS in *Cícero - Da república*, São Paulo, Abril Cultural, 1973, p. 147.

⁴ ‘Os deslizamentos do espetáculo político’, in MARIA DO ROSÁRIO GREGOLIN (org.), *Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo*, São Carlos, Clara Luz, 2003.

escutado, fato que demonstra o valor que a sociedade contemporânea atribui à imagem midiática.

Na Roma antiga, todavia, a palavra era o instrumento por excelência para assinalação do indivíduo no mundo público, conforme afirma MOSES FINLEY,⁵ para quem “o mundo antigo era predominantemente da fala e não da escrita”. Daí figuras como Virgílio e Cícero terem frequentado escolas de retórica, enviados por seus respectivos pais. Se o primeiro, informa PIERRE GRIMAL,⁶ não correspondeu aos anseios do pai, visto não ter seguido carreira política, mas explorado seu “espírito meditativo” com a escritura de poemas, Cícero, desde muito jovem, usou sua habilidade retórica para ascender a cargos públicos em Roma. Segundo Plutarco (*Cic.* 2), historiador grego que construiu as vidas paralelas dos “homens ilustres” da Grécia e de Roma, Cícero, antes mesmo de chegar à idade para estudos aplicados, já se destacava na escola por seu nível intelectual. Plutarco não esconde sua admiração pelo orador, colocando como ele se preocupava em apreender todos os saberes e como suscitou grandiosa admiração no público, após a defesa de sua primeira causa. Estimulado pelas palavras dos amigos, que viam na oratória a possibilidade do jovem romano adquirir a glória mais brilhante, Cícero aceitou defender um romano chamado Róscio, acusado de parricídio por Sila (*Plu. Cic.* 3) e, conseguindo salvá-lo, foi aclamado por todos. Foi, portanto, do ponto de partida para uma carreira política de êxito, constituída pelo exercício de atividades em cargos públicos no âmbito da sociedade romana, fato que exemplifica o papel dado à oratória enquanto possibilidade de ascensão política.⁷

Plutarco também faz comentários sobre os estudos a que Cícero teve acesso mediante diálogos com filósofos gregos, enfatizando a admiração que os discursos provocavam naqueles que os escutavam. Neste momento, Plutarco afirma que as esperanças de ingressar nos negócios públicos foram ampliadas, ressaltando que Cícero tinha pouca ânsia de conquistar cargos públicos. O “Cícero de Plutarco” representa um indivíduo impelido para o Foro pelo pai e pelos amigos e não por sua própria vontade, ainda que enfatize o brilhantismo com que o mesmo se portava no ambiente público (*Plu. Cic.* 5):

⁵ *Política no Mundo Antigo*, Lisboa, Edições 70, 1997, p. 42

⁶ *Virgílio o el segundo nacimiento de Roma*, trad., prólogo y notas de Hugo Francisco Bauzá, Buenos Aires, Eudeba, 1987

⁷ AMÉRICO C. RAMALHO, ‘Prefácio’, in MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA (dir.), *Cícero. As Catilinárias. Defesa de Murena. Defesa de Árquias. Defesa de Milão*, Lisboa / São Paulo, 1974, p. 9-36.

ἐπεὶ δὲ καὶ φύσει φιλότιμος ὢν καὶ παροξυνόμενος ὑπὸ τοῦ πατρὸς καὶ τῶν φίλων ἐπέδωκεν εἰς τὸ συνηγορεῖν ἑαυτόν, οὐκ ἤρέμα τῷ πρωτεύῳ προσῆλθεν, ἀλλ' εὐθύς ἐξέλαμψε τῇ δόξῃ καὶ διέφερε πολὺ τῶν ἀγωνιζομένων ἐπ' ἀγορᾶς.

Mas, a sua ambição natural e as exortações de seu pai e dos amigos o impeliram para o Fôro. Rapidamente colocou-se na primeira fileira, não por progressos lentos e necessários, mas por lances brilhantes e rápidos, ultrapassando, em curto prazo, todos os seus rivais na advocacia.⁸

Alguns anos depois, em 76 a. C., Cícero se tornou *questor* na Sicília, cargo que lhe possibilitou advogar algumas causas em favor do senado e do povo romano, atitude que promoveu, por exemplo, nos discursos contra Verres, acusado pelos sicilianos de corrupção quando do período que fora pretor na Sicília (RAMALHO, 1974).

Cícero se tornou o primeiro advogado de Roma durante o período da *questura*, situação que provavelmente lhe concedeu espaço para ir construindo sua figura de homem público. Tornou-se, em seguida, edil curul, pretor e, por fim, conseguiu alcançar a suprema magistratura: o consulado.⁹ Enquanto *homo novus*, visto não advir de uma família de tradição política, Cícero representa o típico exemplo do jovem romano que usou estrategicamente o conhecimento oratório para ascender no espaço público da *urbs*, imagem que se torna possível a partir da leitura de alguns dos seus discursos e da biografia que Plutarco lhe dedicou. Esse, ainda que exalte seu biografado como o “grande” orador e político romano, seja por sua habilidade na arte da retórica, seja por suas virtudes, nos permite mapear como Cícero foi conquistando o espaço público e como, por meio de seus discursos, foi mantendo os poderes adquiridos.

O discurso *In Catilinam*, pronunciado em 63 a.C., constitui um exemplo profícuo para se refletir sobre como Cícero construiu uma representação incompatível com os valores morais da sociedade romana da época de um adversário político que havia se candidatado e perdido as eleições consulares na disputa com ele e que, por isso, poderia representar perigo para a República sob seu consulado. Embora tente deixar claro que seu objetivo é livrar a pátria de um “monstro” que tramava uma terrível conspiração contra a pátria, é visível como Cícero defende seus interesses

⁸ Trad. SADY-GARIBALDI, in *Plutarco - A Vida dos Homens Ilustres: Demóstenes e Cícero*, São Paulo, Atena, s/d, p. 52.

⁹ RAMALHO, 1974, p. 16.

particulares. Essa situação era muito comum em Roma, por exemplo diferentemente de Atenas, cuja constituição democrática auxiliava a defesa dos interesses coletivos.

Em Roma, interesses pessoais em detrimento do interesse coletivo se tornam visíveis pela própria organização política da República, sistema em que nem todos os cidadãos romanos tinham direito de participar nas decisões políticas. Em Atenas, na época da democracia, mesmo cidadãos desafortunados podiam participar das assembléias, visto se tratar de uma prática definida a partir do critério da hereditariedade.¹⁰ Por sua vez, na República romana, a riqueza se constituía no elemento de carácter definidor para a assinalação de um indivíduo e, logo, para sua participação política, pois era necessário uma quantia mínima de recursos para a articulação de planos e o alcance da *dignitas*. PAUL VEYNE¹¹ demonstra como os jovens cidadãos romanos, desprovidos de riquezas, buscavam o “apadrinhamento” de homens públicos, como o dos senadores, para se assinalarem no espaço público de Roma. A Cícero, por exemplo, só foi possível adentrar na “cena” pública da *urbs* mediante o uso da oratória, em cujo aprendizado seu pai investiu parte de suas riquezas.

Dentro dessa atmosfera de interesse por assinalação é que Tito Lívio narra, no livro XXII da *Ab urbe condita libri*, “História de Roma”, a experiência de Caio Terêncio Varrão. Trata-se de um quadro narrativo em que a figura desse *pretor* romano, que preferiu se colocar em defesa do projeto que ia de encontro aos interesses do ditador romano de então e que coadunava com os interesses do comandante da cavalaria, é apresentada como provida de astúcia e perspicácia política, visto que ditador agia contra os interesses da República. Lívio o mostra como um astuto político, pelo fato de discernir habilmente qual homem público seria mais conveniente defender, diante das circunstâncias. Construindo a imagem de Varrão enquanto indivíduo que desde o início de sua juventude articulou estratégias para ascensão, Lívio demonstra como o romano investiu as riquezas deixadas pelo pai para a prática da oratória, instrumento essencial para a conquista de popularidade e, por extensão, para o alcance da *dignitas* (22.25-26):

Patrem lanium fuisse ferunt, ipsum institorem mercis, filioque hoc ipso in seruilia eius artis ministeria usum. Is iuuenis, ut primum ex eo

¹⁰ CLAUDE MOSSÉ, *As instituições gregas*, Lisboa, Edições 70, 1985.

¹¹ ‘O Império Romano’, in PHILIPPE ARIÈS & GEORGES DUBY, *História da Vida Privada: do império romano ao ano mil*, São Paulo, Cia. das Letras, 1991.

genere quaestus pecunia a patre relicta animos ad spem liberalioris fortunae fecit, togaque et forum placuere, proclamando pro sordidis hominibus causisque aduersus rem et famam bonorum primum in notitiam populi, deinde ad honores peruenit, quaesturaque et duas aedilitatibus, plebeia et curuli, postremo et praetura, perfunctus, iam ad consulatus spem cum attolleret animos, haud parum callide auram fauoris popularis ex dictatoria inuidia petit scitique plebis unus gratiam tulit.

Ao que sussurrava, seu pai fora açougueiro que com as próprias mãos trinchava a mercadoria; e o próprio filho labutara naquele mister servil. Quando o dinheiro assim ganho, deixado pelo pai, habilitou o jovem a ansiar por uma situação mais liberal, escolheu a toga e a praça pública. E vociferando em prol de homens e causas vis contra a fortuna e a reputação das pessoas de bem, alcançou primeiro a popularidade, em seguida as honras. Depois de cumprir a questura e as duas edilidades, plebéia e curul, chegou à pretura e agora se encarniçava para empalmar o consulado. Não sem astúcia, ia para onde soprava o favor público no episódio da impopularidade do ditador e logrou atrair só para si todo o reconhecimento do povo por ocasião do plebiscito.¹²

Exemplo que demonstra a relevância da oratória como forma de poder em Roma e que nos permite estabelecer comparações com a história da ascensão política de Cícero, uma vez que utilizou o mesmo instrumento para introduzir-se no mundo público romano. Varrão, conforme a narrativa de Lívio, representa o exemplo do jovem descendente de família provida de parca riqueza, suficiente, todavia, para lhe facultar possibilidades para ascensão. Por meio da herança do pai, se lança no mundo público de Roma, explorando sua oratória para conquistar popularidade e, por conseguinte, para alcançar cargos públicos. Anseios que terminaram se concretizando, semelhante ao que ocorreu com Cícero. Temos que a trajetória do personagem liviano se assemelha à do Cícero plutarquiano, visto que ambos primeiramente se popularizaram mediante a defesa de causas; em seguida, alcançaram, sequencialmente, os cargos de questor, edil e pretor; por fim, articularam estratégias para o alcance do consulado. Recuperemos, então, um excerto da obra ciceroniana que contribui para que se acompanhe o exercício político do orador em sua fase madura.

¹² Tradução de PAULO M. PEIXOTO in *Tito Lívio - História de Roma*, São Paulo, Paumape, 1989, p. 43 .

Primeira catilinária: oito de novembro de 63 a. C. A assembleia senatorial se reúne no templo de Júpiter Estátor. Aguarda-se o discurso jurídico do orador, então cônsul, mais conhecido à época; discurso que apresentará fortes revelações sobre prováveis conspirações que trariam um grande mal à República romana. De um lado do espaço do templo, há um número de senadores assentados próximos uns dos outros. De outro, visualiza-se uma figura, para próximo de quem ninguém ousou se dirigir. No espaço de destaque, adequado ao orador, vemos Cícero discursar *in Catilinam*, usando a gravidade de sua voz e a gestualidade de seu corpo para provar a tese que ora, com ousadia, defendia. Todo um conjunto de vocalidade é utilizado para o êxito da causa que apresenta, expulsar o “monstro” que ainda se mantinha, descaradamente, caminhando pelo espaço da *Urbs*, pátria que dele havia recebido fortes ameaças de destruição. Com audácia, dirige suas primeiras palavras àquele que desejava afastar de Roma (*Cat.* 1.1.1):

Quo usque tandem abutere, Catilina, patientia nostra? Quam diu etiam furor iste tuus nos eludet? Quem ad finem sese effrenata iactabit audacia?

Até quando, ó Catilina, abusarás de nossa paciência? Por quanto tempo ainda há-de [sic] zombar de nós essa tua loucura? A que extremos se há-de precipitar a tua audácia sem freio?¹³

Se obrigar Catilina, cidadão romano, ao exílio constituía uma tarefa pouco estratégica, coube a Cícero usar a gravidade de sua voz para demonstrar a ele que Roma não mais desejava sentir seu corpo por ela percorrendo e que, por isso, ele próprio deveria tomar a decisão de fugir da cidade.

Nesse exórdio, parte da arte retórica que constitui o primeiro momento do discurso, o orador lança uma invectiva contra Catilina, a fim de causar, logo de imediato, impacto no público a quem endereça o discurso. Promove um encadeamento de interrogações que dirige ao próprio Catilina, se referindo a suas atitudes contrárias à República, perguntas que são usadas para causar abalo entre os senadores que ora escutam seu discurso.

Cícero considera que ao eloqüente orador, o mais perfeito de todos, cabe a junção dos três gêneros de estilo (o grave, o médio e o tênue) que devem, portanto, ser utilizados de acordo com o tipo de causa defendida. Uma vez defendendo causas intermédias, deve-se usar o tom médio. Por

¹³ Tradução de PINHO, 1974, p. 57.

outro lado, se se trata de coisas elevadas, o tom grave é o mais conveniente (*Orat.* 16.53). Nesse sentido, Cícero constrói a primeira catilinária a partir de um discurso grave, no qual investe toda sua eloquência àquele que acusava de maus tratos para com Roma.

Prosseguindo com um tom grave, lamenta a perda dos costumes da tradição (*Cat.* 1.1.2) – *O tempora, o mores!* – demonstrada pelos atos cruéis de Catilina, homem público construído como aquele que a todos marcou para a chacina e que trazia apenas ruína à República. Para uma acusação desse tipo foi necessária a construção de um discurso grave, violento, cujas palavras pudessem penetrar os ouvidos dos senadores e do próprio Catilina como a tradução mais fiel dos perigos que se aproximavam da República. No que toca ao *como* falar, Cícero sugere a articulação entre ação e elocução. Trata-se do uso eloqüente do corpo e da adoção de um tom de voz que provoque ânimo no ouvinte, bem como, do uso de gestos, com uma atenção para a expressão do rosto. Para a consecução da eloquência, Cícero considera necessário conceder formas à voz de acordo com as partes do discurso. Portanto, para as partes violentas é preferível um tom agudo; um tom baixo para as partes calmas; um tom flexionado para as partes patéticas; por fim, para as partes profundas um tom grave (*Orat.* 17.56).

Cícero aponta duas partes essenciais a um discurso: a *thesis*, questão geral do mesmo; a *auxesis* (acréscimo, aumento), exaltações e amplificações que devem perpassar o discurso (*Orat.* 36.126). Assim, revela o que ele próprio promove em seus discursos jurídicos. Contudo, o público para quem os endereça não é o mesmo para quem direciona as obras de caráter teórico, como *O Orador* e *Retórica a Herênio*. Essa, em que apresenta regras da retórica, provavelmente foi escrita para um público mais restrito, visto que seu objetivo era ensinar a arte retórica. Uma obra direcionada aos próprios oradores, portanto, ainda que no título Cícero sugira ter escrito para um só indivíduo, “Herênio”, que pode ser interpretado como a representação dos oradores de maneira geral, pois foi para esses que Cícero apontou as regras da oratória. De toda forma, não se trata de obras direcionadas para o *senatus populusque romanus*, como ocorre com a maioria de seus discursos, percepção que nos permite compreender porque nelas Cícero revela os “ardis” do mundo da oratória.

Cícero cita, por outro lado, dois elementos que podem gerar eloquência admirável, a saber, a *ethicon*, cujo significado está associado à forma de ser, aos costumes e à conduta geral de uma pessoa e, por isso, atrai o público com seu tom agradável e afável; e a *patheticon*, mediante a qual se excita os corações humanos, visto produzir um discurso veemente e

impetuoso. Nesse sentido, Cícero refere-se a si mesmo como um orador “moderno”, mas que sempre, por meio da impetuosidade conferida ao seu discurso, derrota seus adversários. Vejamos sua referência a Catilina (*Orat.* 37.128): *a nobis homo audacissimus Catilina in senatu accusatus obmutuit*, “Graças a mim, um homem tão audacioso como Catilina emudeceu acusado no Senado”. Ele aponta várias figuras de linguagem que devem ser usadas pelo orador, considerando que a esse é apetecível, por exemplo, a repetição de uma mesma idéia, insistindo na mesma coisa por numerosas vezes (*Orat.* 39.135), pois assim seu discurso será mais persuasivo. Ao construir, sobretudo a segunda catilinária, ele repete variadas vezes, a partir de ornamentos distintos, como Catilina e seus aliados praticavam atos viciosos, insistindo sobre o mal que suas atitudes causavam à República, exercício que lhe permite tornar persuasiva a causa que ora defendia. Da mesma forma o orador diz várias vezes a Catilina, no primeiro dos discursos contra esse proferido, que ele deveria sair de Roma, articulando a isso um conjunto de informações sobre ações corruptas do mesmo, bem como, ornamentos retóricos para causar efeitos de convencimento no destinatário.

Em meio às referências às ações de Catilina e seus cúmplices, Cícero coloca um ornamento com o qual se dirige aos deuses imortais, se mostrando triste com a situação em que se encontra Roma, pois que entre os próprios senadores, havia homens que agiam em favor da destruição da cidade (*Cat.* 1.4.9).

O di immortales! ubinam gentium sumus? in qua urbe vivimus? quam rem publicam habemus?

Oh deuses imortais! Em que país do mundo estamos nós, afinal? Que governo é o nosso? Em que cidade vivemos nós?¹⁴

Plutarco (*Cic.* 14) diz que um prodígio teria sinalizado que Cícero deveria agir contra os conjurados, colocação que demonstra como os elementos divinos sempre são acionados para a justificativa das ações no mundo político. Comenta também a cupidez e a cegueira de alguns homens que tentavam subverter e agitar o estado harmônico das coisas, mediante a articulação de uma conjuração. Trata-se da chamada conjuração de Catilina, e o historiador “reproduz” a imagem ciceroniana de Catilina, construído também como um “monstro” na esfera privada, visto que teria cometido incesto com a filha e assassinado o próprio irmão.

¹⁴ Idem, *ibidem* p. 60.

Por outro lado, Plutarco elogia a eloquência de Cícero enquanto elemento que eleva o Bem, representando-o como um orador que demonstrou, por meio da oratória, que o direito e as leis são bens invencíveis, se defendidos pelo talento daquele que domina a palavra (*Cic.* 13):

Μάλιστα γὰρ οὗτος ὁ ἀνὴρ ἐπέδειξε Ῥωμαίοις, ὅσον ἡδονῆς λόγος τῷ καλῷ προστίθησι, καὶ ὅτι τὸ δίκαιον ἀήττητόν ἐστιν, ἂν ὀρθῶς λέγηται, καὶ δεῖ τὸν ἐμμελῶς πολιτευόμενον αἰεὶ τῷ μὲν ἔργῳ τὸ καλὸν ἀντὶ τοῦ κολακεύοντος αἰρεῖσθαι, τῷ δὲ λόγῳ τὸ λυποῦν ἀφαιρεῖν τοῦ συμφέροντος.

Cícero foi, de todos os oradores, o que soube fazer sentir melhor aos romanos como o encanto da eloquência amplifica o bem e como o direito é invencível, quando sustentado pelo talento e pela palavra! Mostrou-lhes como o homem de Estado que quer governar bem deve, na sua conduta pública, preferir sempre o que é honesto ao que engana; mas que deve também, nos seus discursos, temperar a doçura da linguagem com o rigor dos atos que propõe.¹⁵

Apropriando-se da percepção socrática, observada nos diálogos platônicos e em obras de Aristóteles, segundo a qual as ações humanas são impulsionadas pelos contrários (bem e mal, justo e injusto, etc.), Cícero se coloca como o honesto, construindo a imagem de um Catilina enganador e possuidor de outros adjetivos a esse extensivos.

Tanto os discursos de Cícero, como alguns de escritores que sobre esse escreveram, a exemplo de Plutarco, são marcados por relações de poder e por defesas de interesses particulares. Os escritos que se toma como base para a construção da história de Roma, na contemporaneidade, foram erigidos por indivíduos, que em sua maioria, encontravam-se na ambiência dos espaços freqüentados por imperadores e/ou por outras figuras públicas. Cícero, Tito Lívio, Plutarco e Tácito foram homens que escreveram suas obras também para justificar poderes, sejam particulares, sejam do Estado, sejam ainda de ambos os lados. A escrita se constituía em uma das formas pelas quais um indivíduo podia se destacar em Roma, constituindo-se em um instrumento produzido e endereçado pela e para a aristocracia. Cícero se coloca nos quatro discursos *In Catilinam* como alguém que deveria salvar a República por ordem dos deuses e, mais do que isso, como alguém que se dispunha a salvar a si próprio dos ataques de uma “peste abominável”. O orador faz questão de construir ou, pelo

¹⁵ Trad. SADY-GARIBALDI, p. 61 (ver nota 8).

menos, ampliar a idéia de que os planos de Catilina estavam voltados também para a sua morte, já que o havia vencido nas eleições consulares. Dessa forma, Cícero constrói uma forte ligação de si próprio com a República, colocando como ele e essa estavam prestes a ser eliminados pelo “corruptor da juventude” (*Cat.* 1.5.11):

denique, quotienscumque me petisti, per me tibi obstiti, quamquam videbam perniciem meam cum magna calamitate rei publicae esse coniunctam.

todas as vezes que me atacaste, foi por mim mesmo que te resisti, muito embora eu visse que a minha morte ficaria ligada a uma grande desgraça do Estado.¹⁶

Impressiona como, por meio da eloquência, transforma uma experiência que ainda não havia acontecido em algo terrível para a República (*Cic. Cat.* I, 5.12):

Nunc iam aperte rem publicam universam petis, templa deorum immortalium, tecta urbis, vitam omnium civium, Italiam [denique] totam ad exitium et vastitatem vocas.

Mas agora é a toda República que tu diriges abertamente o teu ataque; são os templos dos deuses imortais, são as casas da cidade, é a vida de todos os cidadãos, é a Itália inteira, é tudo isto que tu arrastas para a ruína e a devastação¹⁷.

Cícero foca as ações de Catilina em sua direção, tomando para si o lugar de representante máximo da República, com isso atrelando seu destino ao destino da *urbs*. Afirmar que Catilina o ataca constitui o mesmo que dizer que é a República, nele representada, a quem se dirigem os golpes de Catilina. Ao colocar que Catilina deseja sua morte o faz na imbricação que constrói entre si próprio e a República, que, por sua vez, seria assassinada. Reticamente, afirma (*Cat.* 1.6.15):

quotiens tu me designatum, quotiens consulem interficere conatus es! quot ego tuas petitiones ita coniectas, ut vitari posse non viderentur, parva quadam declinatione et, ut aiunt, corpore effugi!

¹⁶ Idem, *ibidem* p. 62.

¹⁷ Idem.

(...) quantas vezes, sendo eu cônsul designado, quantas vezes mesmo durante o meu consulado, me tentaste matar! Quantos golpes, vibrados de tal maneira, que parecia impossível escapar-lhes, eu não evitei com um pequeno desvio ou, como costuma dizer-se, só com o corpo!¹⁸

A expressão “quantas vezes” constitui um ornamento que causa a impressão de que o acusado tentou vários planos, quando, provavelmente, o fez apenas uma vez. Ao orador cabe, a partir da eloqüência, aumentar um fato, porém é necessário que haja indícios de sua ocorrência.

PIERRE GRIMAL considera que, de acordo com a versão de Salústio, hostil a Cícero, a conjuração não atacava diretamente o cônsul, mas diversas pessoas.¹⁹ Com efeito, Cícero faz questão de direcionar para si os terríveis intentos de Catilina a fim de mostrar que esse tinha objetivos pessoais, visto já ter sido derrotado nas eleições passadas ao consulado, por exemplo. Além do mais, colocar-se como alvo maior das investidas de Catilina é, ao fim e ao cabo, ter seus pares focados em sua pessoa. A República é utilmente referenciada como trunfo que aumenta seu cabedal de importância política.

Considerada por Grimal como um dos mais célebres monumentos de eloqüência ciceroniana, a chamada primeira catilinária conseguiu tornar provável a causa defendida, visto que, conforme diz Grimal, após o discurso, os senadores foram persuadidos de que a conjuração não era mera invenção. “O Catilina de Cícero” representa a corrupção dos costumes tradicionais, visto ser desprovido de uma moral privada e pública. Os interesses particulares teriam norteado seus planos em promover uma conjuração contra Roma, já que, após ser derrotado por seguidas vezes nas eleições consulares, o romano teria se disposto a construir planos desconectados com as leis e os costumes romanos, a fim de tornar concretas suas idealizações pessoais no campo da política.

Catilina foi muito mais do que um personagem da história de Roma. Trata-se de um símbolo construído por Cícero para tornar mais visível a que nível a corrupção havia chegado à República romana. Mais do que isso é um símbolo a partir de que o orador pôde elevar seu *status* político, visto que se construiu como o contrário de Catilina, se referindo a si mesmo como o defensor da República, mantenedor dos costumes tradicionais e, portanto, um político que tinha como preocupação maior a defesa da causa republicana. A imagem construída para Catilina constituiu-se, portanto,

¹⁸ Idem p. 63.

¹⁹ *Cicerón*, Paris, Fayard, 1986, p. 155.

em estratégia usada por Cícero para desenhar sua imagem pública de virtuosidade. O virtuoso se torna mais visualizável na comparação com o seu diferente, o não virtuoso, o que incita o estudo comparativo entre o discurso da primeira catilinária e o discurso ao povo romano (*Red. pop.*), elaborado por Cícero após sua volta do exílio. Trata-se de discutir como o orador usou a palavra para se manter no poder em Roma a partir da construção de discursos que ora acusavam seus adversários, ora defendiam a si próprio como virtuoso homem público. Nesse sentido, no discurso ao povo romano, *Post reditum ad quirites oratio*, o orador constrói para si a imagem de amante e defensor da pátria. De sua leitura é possível observar como Cícero eleva sua imagem a partir do argumento de que seus bens foram restituídos como resultado de uma decisão do próprio Senado, prática incomum em Roma, construindo para si a imagem de ardente defensor da pátria que, por isso, foi reconhecido pelo *senatus populusque romanus*.

Cícero inicia o discurso justificando seu exílio, colocando-se no lugar de quem preferia que todo o ódio de maldosos homens se dirigisse para ele, ao invés de se direcionar para a República. Ornamento retórico que o conduz a agradecer em seguida aos “Padres Conscritos”, à Itália e aos deuses por terem reconhecido sua benevolência em face da República romana ao se deixar exilar para a preservação de seu bem. Eleva a restituição de seus bens em detrimento da concedida a outros romanos, como C. Mário e Q. Metelo, a partir do argumento de que foi o Senado que a concedeu, ao contrário de outros casos, muitos dos quais receberam a concessão via tribunos. Daí ele afirmar que (*Red. pop.* 9-10)

(...) ut longe superiores omnes hac dignitate copiaque superarem. numquam de P. Popilio, clarissimo ac fortissimo viro, numquam de Q. Metello, nobilissimo et constantissimo cive, numquam de C. Mario, custode civitatis atque imperii vestri, in senatu mentio facta est. Tribunicis superiores illi rogationibus nulla auctoritate senatus sunt restituti, Marius vero non modo non a senatu, sed etiam oppresso senatu est restitutus, nec rerum gestarum memoria in reditu C. Mari, sed exercitus atque arma valuerunt. at de me ut valeret, semper senatus flagitavit, ut aliquando proficeret, cum primum licuit, frequentia atque auctoritate perfecit.

(...) a todos os antecedentes vim a exceder muito nesta prerrogativa e abundância. Nunca de P. Popílio, homem de singular nobreza e virtude, nem de Q. Metelo, nobilíssimo e constantíssimo cidadão, nem de C. Mário, coluna desta vossa Corte e Império, se fez menção no Senado. Todos estes antepassados foram restituídos a rogo dos tribunos, sem intervenção do Senado, mas oprimido o Senado; nem

a C. Mário lhe valerem, para voltar, as suas façanhas, mas as tropas e armas. A mim, porém, sempre o Senado requereu que valessem; e enfim concluiu que assim se executasse, tanto que pôde, com o seu concurso e autoridade.²⁰

As representações que Cícero construiu para si e para outros políticos romanos ainda são concebidas por muitos comentadores como sua imagem fiel, visto que Catilina, por exemplo, aparece em alguns textos, sobretudo aqueles que fazem a introdução das obras ciceronianas, como um “monstro”, como se outros “catilinas” não fossem possíveis. “O Catilina de Cícero” é o corruptor dos costumes, ao passo que seu construtor é o defensor das virtudes tradicionais. Compreensão que nos leva a sentir a força da oratória ciceroniana, capaz de atravessar séculos, quase “intocável”, ainda que não esteja alheia à historicidade. Passamos, doravante, a problematizar a personagem histórica de Cícero. Exercício que faremos a partir do uso de um discurso de acusação e outro de autodefesa do orador, mesmo que saibamos que em três discursos de acusação, Cícero, costuma fazer referências as suas virtudes. Nesse ínterim, constrói-se como uma figura feliz mais pela benevolência dos romanos, então lhe concedida, e menos pela fortuna/riqueza, se referindo ao seu amor pelos filhos, pelo irmão e por seus haveres domésticos, enquanto sentimento que mais se aflorou durante o exílio. Por isso, se mostra grato por ter recebido de volta tudo aquilo que lhe fez falta no ostracismo (*Red. pop.* 3-4):

amicitiae, consuetudines, vicinitates, clientelae, ludi denique et dies festi quid haberent voluptatis, carendo magis intellexi quam fruendo. Iam vero honos, dignitas, locus, ordo, beneficia vestra quamquam mihi semper clarissima visa sunt, tamen ea nunc renovata inlustriora videntur, quam si obscurata non essent.

As amizades, os congressos, as sociedades, enfim os jogos e dias festivos, então conheci melhor quanto eram aprazíveis, quando me vi sem eles. Pois, já quanto às honras, crédito, graduações, cargos e benefícios vossos, agora renovados me parecem mais ilustres do que se nunca tivessem sido escurecidos²¹.

Por fim, constrói um elogio à pátria, tentando persuadir o povo de como a experiência do exílio elevou ainda mais seu amor por ela (*Red. pop.* 4):

²⁰ Trad. ANTONIO JOAQUIM, in Cícero - *Orações*, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre: Jackson, 1952, p. 84.

²¹ Idem, *ibidem* p. 82.

ipsa autem patria, di immortales, dici vix potest, quid caritatis, quid voluptatis habeat; quae species Italiae, quae celebritas oppidorum, quae forma regionum, qui agri, quae fruges, quae pulchritudo urbis, quae humanitas civium, quae rei publicae dignitas, quae vestra maiestas! quibus ego omnibus antea rebus sic fruebar, ut nemo magis.

Quanto à pátria, bons deuses! que coisa mais amável e deliciosa que a formosura da Itália, que o plausível das povoações, que a figura dos países, que o aprazível dos campos e dos frutos, que a beleza de Roma, que a polícia dos cidadãos, que a nobreza da República, que a vossa majestade! Do que tudo ninguém se gozava mais do que eu²².

Cícero usa a imagem da família para a construção da sua, enquanto homem público, experiência discursiva que nos remete a Plutarco que, por sua vez, ao biografá-lo, procura articular suas experiências privadas às públicas, a fim de engrandecer a imagem do biografado enquanto político romano. Plutarco, em meio a referências às ações políticas de Cícero, comenta sobre seu divórcio com Terênciã, apontando ainda que o orador desposou outra mulher apenas para pagar suas dívidas e por influência dos amigos. Ao se referir a decisões de Cícero que poderiam lhe ferir a reputação, Plutarco ressalta que as mesmas resultaram de sugestões dos amigos. Por outra parte, na primeira catilinária, Cícero denuncia atos privados de Catilina, colocando que esse, após a morte da esposa, visou a um novo casamento, indagando ainda, ao próprio Catilina, se ele não havia cometido um outro delito, sobre o qual afirma que não comentará a fim de que não se torne perceptível que a República não o castigou por sua prática. Por conseguinte, Cícero coloca que não lhe interessa os fatos pessoais de Catilina, mas, sobretudo aqueles que suscitam problemas à Roma (*Cat.* 1.6.14):

ad illa venio, quae non ad privatam ignominiam vitiorum tuorum, non ad domesticam tuam difficultatem ac turpitudinem sed ad summam rem publicam atque ad omnium nostrum vitam salutemque pertinent.

Refiro-me a factos que dizem respeito não à infâmia pessoal dos teus vícios, não à tua penúria doméstica e à tua má fama, mas, sim, aos superiores interesses do Estado e à vida e segurança de todos nós.²³

Cícero faz questão de citar vícios privados de Catilina, pois que esses ajudam na construção de sua imagem pública, constituindo elementos

²² Idem.

²³ Trad. PINHO, 1974, p. 63.

que permitem ao orador ornar os fatos e, assim, torná-los mais prováveis.

Retornando ao discurso ao povo romano, observamos que Cícero recupera exemplos de homens públicos que ao serem exilados/desterrados não receberam benesses semelhantes às que recebera, elevando sua imagem como o primeiro dos romanos a ter restituído os bens após o desterro. Nesse sentido, realça como sua presença em Roma suscitava festividade, alegria, ao passo que sua ausência, implicava em obscuridade (*Red. pop.* 8):

Pro me praesente senatus hominumque praeterea viginti milia vestem mutaverunt, pro eodem absente unius squalorem sordesque vidistis.

Por me verem presente, se vestiram de gala o Senado e outras quase vinte mil pessoas; na minha ausência vistes o luto e desalinho de um só sujeito.²⁴

Por conseguinte, invade seu espaço doméstico, descrevendo a tristeza de seus parentes quando de sua ausência:

nam coniugis miserae squalor et luctus atque optimaefiliae maeror adsiduius filiique parvi desiderium mei lacrimaeque pueriles aut itineribus necessariis aut magnam partem tectis ac tenebris continebantur.

Pois quanto ao luto e pranto da coitada mulher, e a perpétua tristeza da inocente filha, e as saudades e lágrimas pueris do filhinho, tudo ocultava a distância em que estavam, e seu encerramento doméstico²⁵.

As narrativas de experiências concernentes à esfera privada demonstram como os escritores latinos consideravam profícuo fazê-lo, para a construção da imagem pública dos políticos, na medida em que a partir desse exercício poderiam explorar gestos e práticas que demonstrassem o lado “humano” daqueles. Fazer referência, por exemplo, à tristeza de Cícero após a morte de sua filha Túlia, gesto promovido por Plutarco, constitui uma estratégia narrativa para elevar a imagem do “Cícero público”. Daí porque não é possível se estabelecer fronteiras entre o universo público e o privado em Roma, visto que ambos eram cúmplices.

De forma semelhante, observamos na contemporaneidade como a mídia televisiva explora o lado privado dos políticos para, ora denegrir sua imagem, ora elevá-la. Referir-se, por exemplo, à sexualidade de um político ou ao seu divórcio, constitui uma forma de corromper e desfa-

²⁴ Trad. JOAQUIM, 1952, p. 84.

²⁵ Idem, *ibidem*.

vorecer sua imagem em face do público. Por outro lado, fazer referência aos seus casamentos tradicionais constitui uma estratégia para elevá-la. Portanto, percebe-se como em sociedades caracterizadas pelo *tópos* do moralismo o mundo privado constitui um ponto relevante a ser acionado pelos homens públicos em detrimento de seus opositores na cena política. Ao elogiar Cneu Pompeu por seu valor, prudência e glória, considerando-o seu único amigo particular, Cícero parece fazê-lo como retribuição a um gesto daquele, que havia lhe defendido num discurso a fim de conservá-lo em Roma após o exílio. Nesse sentido, coloca o que Pompeu proferiu em sua oração acerca de sua figura a fim de elogiar a si próprio a partir da suposta fala daquele (*Red. pop.* 16):

quorum princeps ad cohortandos vos et ad rogandos fuit Cn. Pompeius, vir omnium, qui sunt, fuerunt, erunt, virtute, sapientia, gloria princeps. qui mihi unus uni privato amico eadem omnia dedit, quae universae rei publicae, salutem, otium, dignitatem. cuius oratio fuit, quem ad modum accepi, tripertita: primum vos docuit meis consiliis rem publicam esse servatam causamque meam cum communi salute coniunxit hortatusque est, ut auctoritatem senatus, statum civitatis, fortunas civis bene meriti defenderetis; tum [me] in perorando posuit vos rogari a senatu, rogari ab equitibus Romanis, rogari ab Italia cuncta, deinde ipse ad extremum pro mea vos salute non rogavit solum, verum etiam obsecravit.

Entre todos tem o primeiro lugar, nas exortações e rogos que vos fez, Cn. Pompeu, herói em todos os séculos sem igual, em valor, prudência e glória; este foi o único que a um amigo particular, como eu era seu, concedeu o mesmo que a toda a República, a vida, o descanso, o crédito. Cuja oração, como me constou, teve três partes: na primeira mostrou como a República fora conservada com meus ditames, unindo a minha causa com a do bem público, onde vos exortou a que defendêsseis que autoridade do Senado, o estado da corte e os interesses de um cidadão benemérito; depois se empregou em perorar, mostrando que assim vo-lo pediam o Senado, os cavaleiros romanos e toda a Itália; e por último, ele mesmo não só vos rogou, mas importunou pela minha conservação²⁶.

A fim de não elogiar diretamente a si próprio, Cícero recorre ao que Pompeu teria proferido a seu respeito. Exercício que lhe facultava mais possibilidades de persuadir o público de que era um homem público vir-

²⁶ Idem p. 87.

tuoso. Para fazê-lo toma como referência ainda ações de outros romanos, comentando sobre C. Mário, romano também exilado, que sentiu a mesma infelicidade que ele próprio ao se vê distante da pátria. Por outro lado, aponta que ele e Mário se distinguiam, visto que, enquanto esse, ao retornar à pátria, buscou se vingar de seus inimigos por meio de armas, ele desejava apenas a paz (*Red. pop.* 21):

Quamquam ille animo irato nihil nisi de inimicis ulciscendis agebat, ego de ipsis amicis tantum, quantum mihi res publica permittit, cogitabo.

(...) ele, ardendo em ira, não se lembrava mais do que de vingar-se dos inimigos; eu, só porei o pensamento em inimigos quanto a República mo permitir.²⁷

Cícero se constrói como uma figura pública que se vinga de seus inimigos por meio de ações virtuosas, se contrapondo ao Mal com o Bem (*Red. pop.* 21-22):

quod erat penes ipsos, vendiderunt, sic ulciscar facinororum, quem ad modum a quibusque sum provocatus, malos civis rem publicam bene gerendo, perfidos amicos nihil credendo atque omnia cavendo, invidios virtuti et gloriae serviendo, mercatores provinciarum revocando domum atque ab iis provinciarum ratione repetenda. Quamquam mihi, Quirites, maiori curae est, quem ad modum vobis, qui de me estis optime meriti, gratiam referam, quam quem ad modum inimicorum iniurias crudelitatemque persequar.

Vingar-me-ei pois de cada uma destas ofensas pelo mesmo teor com que fui provocado; dos maus cidadãos, administrando bem a República; dos amigos desleais, não me fiando de nada e acautelando tudo; dos invejosos, seguindo a virtude e glória; dos mercadores das províncias, chamando-os à pátria e pedindo-lhes conta delas. Mas muito mais cuidarei em mostrar-me agradecido para convosco, a quem tão obrigado estou, do que em perseguir a meus cruéis ofensores e inimigos.²⁸

O discurso é atravessado por uma tônica moralista, mediante a qual Cícero se constrói enquanto benevolente e humano e, mais do que isso, enquanto um homem público, cujo interesse maior é zelar pelo bem da República.

²⁷ Idem p. 89.

²⁸ Idem.

Dos discursos *In Catilinam*, o segundo, proferido ao povo romano na assembléia curial, a fim de se defender das acusações dos cúmplices de Catilina, segundo os quais o orador teria condenado esse sem o consentimento da República, se destaca dos outros pela forte tônica moralista que o perpassa. Cícero se representa como o virtuoso defensor da República e dos costumes tradicionais que a respaldam, ao passo que Catilina aparece como o “monstro” e o “flagelo” que para aquela conduz todos os vícios humanos. Cícero dirige implacáveis críticas aos conjurados, aliados de Catilina, demonstrando como todos aqueles que faziam parte do círculo de amigos do “monstro”, se transformaram em seres providos de uma depravação, semelhante à daquele. Usando um discurso moralista, Cícero rebaixa a figura de Catilina e a de seus aliados, colocando todos num espaço obscuro, em que a corrupção dos costumes se proliferava. A Catilina Cícero atribui todos os vícios humanos, representando-o como o símbolo por excelência da corrupção dos costumes (*Cat.* 2.4.7):

quis tota Italia veneficus, quis gladiator, quis latro, quis sicarius, quis parricida, quis testamentorum subiector, quis circumscriptor, quis ganeo, quis nepos, quis adulter, quae mulier infamis, quis corruptor iuventutis, quis corruptus, quis perditus inveniri potest, qui se cum Catilina non familiarissime vixisse fateatur? quae caedes per hosce annos sine illo facta est, quod nefarium stuprum non per illum?

Qual é o envenenador, o gladiador, o gatuno, o sicário, o parricida, o falsificador de testamentos, o vigarista, o freqüentador de tabernas, o dissipador, o adúltero, a mulher de má fama, o corruptor da juventude, o depravado, qual o homem pervertido que se pode encontrar na Itália inteira que não se cometeu sem ele? Que atentado nefando contra o pudor se terá praticado senão por seu intermédio?²⁹

Para tornar mais visível aos ouvintes de seu discurso a devassidão dos aliados de Catilina, Cícero descreve com detalhes práticas depravadas dos que a esse rodeavam, ornamento retórico que lhe permite construir uma terrível imagem daqueles que o acusavam de ir de encontro às leis romanas, ao expulsar Catilina de Roma, apenas com sua oração. Trata-se de homens, cujos excessos não deveriam constituir parte das práticas dos valorosos romanos (*Cic. Cat.* II, 5.10):

qui mihi accubantes in conviviis complexi mulieres inpudicas vino languidi, conferti cibo, sertis redimiti, unguentis oblitii, debilitati stu-

²⁹ Trad. PINHO, 1974, p. 76.

pris eructant sermonibus suis caedem bonorum atque urbis incendia.

Esses que, estendidos pelos leitos dos banquetes, abraçados a mulheres sem pudor, amolecidos pelo vinho, empanturrados pela comida, coroados de grinaldas, besuntados de perfumes, enfraquecidos pela devassidão, vomitam nas suas palavras a morte dos homens de bem e os incêndios da cidade.³⁰

Considerando o caráter moralista da sociedade romana da época, descrever no *corpus* da oração esse tipo de prática constituía uma estratégia para persuadir os ouvintes não apenas que as acusações dos aliados de Catilina eram infundadas. Trata-se de uma estratégia usada pelo orador para se construir como o “salvador” de Roma, visto tê-la livrado de uma terrível conspiração que dela poderia retirar o caráter eterno. Dizer que Catilina não promoveu nada daquilo sobre o que Cícero comenta, pode constituir um exagero, visto que os discursos oratórios eram pautados em provas, em fatos que aconteceram. Contudo, usando o caráter essencial da oratória, a saber, a *elocutio*, Cícero amplifica tal experiência, transformando Catilina num “monstro”, imagem que ainda ressoa nos escritos contemporâneos sobre o referido romano. Cícero ataca Catilina a partir do elemento que mais lhe poderia auxiliar no rebaixamento do réu: o moralismo. Por outro lado, Cícero se constrói como o defensor da República e que, portanto, age através da oratória, tão somente para protegê-la dos atos cruéis dos “inimigos da pátria” (*Cat.* 1.9.27):

Etenim, si mecum patria, quae mihi vita mea multo est carior, si cuncta Italia, si omnis res publica loquatur: "M.Tulli, quid agis? Tunc eum, quem esse hostem comperisti, quem duces belli futurum vides, quem expectari imperatorem in castris hostium sentis, auctorem sceleris, principem coniurationis, evocantem servorum et civium perditorum, exire patiere, ut abs te non emissus ex urbe, sed immissus in urbem esse videatur?"

Porquanto, se a Pátria, que é para mim mais cara que a própria vida, se a Itália inteira, se toda a República me dissesse: “Que estás tu a fazer, Marco Túlio? Então tu vais consentir que aquele que provaste ser um inimigo público (...), ser o instigador de um ato criminoso, o cabecilha de uma conspiração, um agitador de escravos e de cidadãos perversos, a esse vais tu deixá-lo partir de tal maneira, que nem parece ter sido por ti expelido para fora da cidade, mas, sim, impelido contra ela?”³¹

³⁰ Idem, *ibidem* p. 77.

³¹ Idem p. 68.

Impressiona a eloquência do orador ao transferir suas opiniões para a República, colocando uma suposta mensagem da mesma em seu discurso endereçada para ele próprio. Por meio desse ornamento retórico, constrói elogios em benefício de si, já que usa aquilo que a República dirige para ele como uma estratégia para não apresentar louvores pessoais de forma explícita (*Cat.* 1.9.28):

Praeclaram vero populo Romano refers gratiam, qui te, hominem per te cognitum nulla commendatione maiorum tam mature ad summum imperium per omnis honorum gradus extulit, si propter invidiam aut alicuius periculi metum salutem civium tuorum negligis.

Bela maneira essa de agradeceres ao povo romano, ele que te elevou tão cedo ao supremo poder através de todos os graus da magistratura, sendo tu um homem conhecido apenas pela tua pessoa sem nenhuma recomendação de antepassados – se, por causa da impopularidade ou do receio de algum perigo, desprezas a salvação de teus concidadãos!³²

Incitado por essas fortes palavras é que Cícero justifica a necessidade de investir duramente contra o mal que então atormentava Roma. Cícero explora sua condição enquanto *homo novus*, cujo esforço para alcançar a magistratura do consulado supera às ações de homens públicos que já possuíam tradição política na família. Por outro lado, no referido excerto se torna visível como se constrói como aquele que age apenas conforme as demandas da República, em detrimento dos seus interesses pessoais. Suas ações são apenas impulsionadas pelos anseios da República, espécie de objeto por ele utilizado para ocultar interesses individuais.

Consideramos que a comparação entre os discursos construídos por Cícero para a representação dele próprio e de Catilina, bem como o efeito persuasivo dos mesmos, visto que o orador venceu quase todas as causas defendidas, nos permitiu perceber como a oratória constituiu na Roma antiga um valioso instrumento para a articulação política. Se Cícero conseguiu, por exemplo, persuadir os senadores da suposta conjuração planejada por Catilina, significa dizer que seus discursos possuíam credibilidade em meio ao público para quem eram endereçados, ainda que, ressalte-se, os próprios senadores, ao se fazerem convencidos, provavelmente seguiam de acordo com seus próprios interesses. De toda forma, os discursos de Cícero, nos permitiram sentir a dimensão da oratória nas ações políticas em Roma. Por extensão, nos ofereceram possibilidades de

³² Idem p. 69.

perceber uma República norteada por relações de poder; por disputas, que encontravam na palavra um forte espaço para seu fomento.

Por fim, considerando os numerosos discursos de Cícero, bem como, as múltiplas possibilidades de discussão oferecidas por sua análise, cremos que esse ensaio constitui apenas o início de uma investigação historiográfica que demanda maiores investidas.

TITLE. *Ciceronian discourses: oratory as a political strategy in Ancient Rome*

ABSTRACT. This essay discusses Cicero's personality based on a self-portrait wrought by himself as well as on biographic representations built by authors of his own days and modern ones. It raises the issue of Ciceronian writings and highlights the relation he builds between rhetoric and political exercise. It intends to contribute to the construction of Cicero's image as a historical subject besides touching on the aesthetic aspects of his discursive production.

KEYWORDS. Latin Literature; History of Rome; Cicero; politics; rhetoric.